

Certa noite, há uns vinte anos, durante uma epidemia de papeira na nossa vasta família, a minha irmã mais nova, Franny, foi transferida, com berço e tudo, para o quarto ostensivamente livre de germes que eu partilhava com o meu irmão mais velho, Seymour. Eu tinha quinze anos, o Seymour dezassete. Aí por volta das duas da manhã, fui acordado pelo choro da nova colega de quarto. Deixei-me ficar numa posição imóvel e neutra durante uns minutos, a escutar o berreiro, até que ouvi, ou senti, o Seymour a mexer-se na cama ao lado da minha. Nessa altura, tínhamos sempre uma lanterna na mesa de cabeceira entre as camas, para emergências que, tanto quanto me lembro, nunca surgiram. O Seymour ligou-a e levantou-se.

— A mãe disse que o biberão estava em cima do fogão — adverti eu.

— Já lho dei há bocado — disse o Seymour.

— Não é fome.

Dirigiu-se no escuro para a estante e passou a luz da lanterna pelas prateleiras de um lado para o outro. Sentei-me na cama.

— Que estás a fazer? — disse eu.

— Acho que lhe vou ler alguma coisa — disse o Seymour, pegando num livro.

— Pelo amor de Deus, ela tem dez meses — disse eu.

— Eu sei — disse o Seymour.

— Eles têm ouvidos. Podem ouvir.

A história que o Seymour leu à Franny nessa noite, à luz da lanterna de bolso, era uma das suas favoritas, um conto taoista. Ainda hoje, a Franny jura que se lembra de o Seymour lha ter lido:

O Duque Mu de Chin disse a Po Lo: «Estás já com uma idade avançada. Há algum membro da tua família que eu possa mandar escolher cavalos em vez de ti?» Po Lo respondeu: «Um bom cavalo pode ser escolhido pela sua constituição e aparência geral. Mas o cavalo excepcional — que não levanta poeira e não deixa rasto — tem alguma coisa de evanescente e fugidio, elusivo como o ar impalpável. Os talentos dos meus filhos estão muito abaixo disso; são capazes de reconhecer um bom cavalo quando o veem, mas não um cavalo excepcional. Contudo, tenho um amigo, um certo Chiu-fang Kao, feirante de carvão e hortaliça, que, no que toca a cavalos, não me fica de modo nenhum atrás. Peço-te que o vás ver.»

O Duque Mu assim fez, e de seguida mandou Chiu-fang Kao em busca de um corcel. Daí a três meses, voltou com a notícia de que encontrara um. «Está agora em Shach'iu», acrescentou. «Que género de cavalo é?», perguntou o Duque. «Ah, é uma égua de pelo castanho-escuro», foi a resposta. Porém, quando alguém foi buscar o animal, viu-se que se tratava de um garanhão preto como o carvão! Muito desagradado, o Duque mandou chamar Po Lo. «Aquele teu amigo», disse ele, «que encarreguei de encontrar um cavalo, saiu-se com uma bela trapalhada. Vê lá que nem sequer sabe distinguir a cor ou o sexo de um animal! Que diabo pode ele saber de cavalos?» Po Lo soltou um suspiro de satisfação. «Chegou realmente a tal ponto?», exclamou. «Ah, então vale dez mil como eu, todos juntos. Não há comparação entre nós. O que Kao tem em vista é o mecanismo espiritual. Ao assegurar-se do essencial, esquece os pormenores comuns; atento às qualidades interiores, não presta atenção às exteriores. Vê o que quer ver, e não o que não quer ver. Atenta nas coisas que quer observar, e descuida as que não exigem atenção. Um tão bom juiz de cavalos como Kao tem capacidades para julgar algo melhor do que cavalos.»

Quando o cavalo chegou, verificou-se que era realmente um animal excepcional.

Reproduzi aqui o conto não só porque invariavelmente sou capaz de tudo e mais alguma coisa para recomendar uma boa chupeta de prosa a pais ou irmãos mais velhos de bebés de dez meses, mas também por uma outra razão muito diferente. O que imediatamente se

segue é o relato de um dia de casamento em 1942. É, na minha opinião, um relato onde nada falta, com um princípio e um fim, e uma mortalidade, muito próprios. Sinto, no entanto, uma vez que o facto é do meu conhecimento, que devo mencionar que hoje, em 1955, o noivo já não é vivo. Suicidou-se em 1948, quando se encontrava na Florida em férias com a mulher... Indubitavelmente, porém, onde eu quero chegar é a isto: desde que o noivo se retirou para sempre de cena, não consegui ainda pensar em alguém que me apetecesse mandar em busca de cavalos no lugar dele.

Em fins de maio de 1942, a progénie — em número de sete — de Les e Bessie (Gallagher) Glass, artistas de variedades reformados do Pantages Circuit, estava esparramada, extravagantemente falando, por todos os Estados Unidos. Eu, por exemplo, o segundo mais velho, estava no hospital militar de Fort Benning, na Georgia, com pleurisia — uma pequena recordação de treze semanas de recruta na infantaria. Os gémeos, Walt e Waker, tinham sido separados há um bom ano. O Waker estava num campo de objetores de consciência em Maryland e o Walt estava algures no Pacífico — ou a caminho daí — com uma unidade de artilharia de campanha. (Nunca soubemos ao certo onde se encontrava o Walt nessa precisa data. Nunca foi muito dado a escrever cartas e foram pouquíssimas — quase nenhuma — as informações que nos chegaram depois da sua morte. Morreu num acidente logístico incrivelmente absurdo nos últimos dias do outono de 1945, no Japão.) A minha irmã mais velha, Boo Boo, que fica, cronologicamente, entre mim e os gémeos, era alferes na Reserva Naval Feminina, destacada, de modo intermitente, numa base naval em Brooklyn. Durante toda essa primavera e esse verão, ocupou o pequeno apartamento de Nova Iorque que eu e o meu irmão Seymour só formalmente não tínhamos ainda largado depois da nossa incorporação. Os dois mais novos da família, Zooey (rapaz) e Franny (rapariga), viviam com os nossos pais em Los Angeles, onde o meu pai trabalhava como caçatalentos para uma produtora cinematográfica. O Zooey tinha treze anos e a Franny oito. Participavam os dois num programa semanal de perguntas e respostas na rádio, chamado, talvez com uma pungente ironia tipicamente costa-a-costa, *Meninos Sabidos*. Numa ou

noutra ocasião, talvez deva dizê-lo desde já — ou antes num ou noutro ano —, todas as crianças da nossa família foram «convidados» semanalmente contratados de *Meninos Sabidos*. O Seymour e eu fomos os primeiros a aparecer no programa, já em 1927, com as respetivas idades de dez e oito anos, no tempo em que ele «emanava» de um dos auditórios do antigo Murray Hill Hotel. Todos nós, os sete, do Seymour à Franny, aparecemos no programa sob pseudónimo. Isto pode soar altamente anómalo, considerando que éramos filhos de artistas de variedades, uma seita que normalmente não é avessa a publicidade, mas a minha mãe tinha lido uma vez um artigo sobre as pequenas cruces que as crianças que trabalham eram obrigadas a carregar — o isolamento da, presumivelmente desejável, sociedade normal — e levou esta questão a peito, sem nunca, nunca ceder. (Não é agora de modo nenhum a ocasião para discutir se a maior parte, ou a totalidade, das crianças «trabalhadoras» deveria ser declarada fora da lei, lastimada ou executada sem sentimentalismos como perturbadora da paz. Por agora, limito-me a referir que o conjunto dos nossos rendimentos no *Meninos Sabidos* permitiu a seis de nós frequentar a universidade e está agora a pagá-la ao sétimo.)

O nosso irmão mais velho, Seymour — que é de quem aqui me ocupo, a bem dizer, exclusivamente —, era cabo naquilo que, em 1942, era ainda chamado de Air Corps. Estava colocado numa base de B-17 na Califórnia, onde, *creio* eu, era escrivão interino da companhia. Poderia acrescentar, e não propriamente de modo parentético, que era de longe o menos prolífico escrevedor de cartas na família. Não me parece que tenha recebido mais do que cinco cartas dele na minha vida.

Na manhã do dia 22 ou 23 de maio (na minha família nunca ninguém datou uma carta), puseram uma carta da minha irmã Boo Boo aos pés da minha cama de campanha no hospital militar de Fort Benning, enquanto o meu diafragma estava a ser ligado com adesivo (uma prática médica habitual para os doentes de pleurisia, possivelmente indicada para os impedir de se desfazerem em pedaços ao tossir). Quando a tortura acabou, li a carta da Boo Boo. Ainda a tenho, e aqui está ela textualmente:

QUERIDO BUDDY,

Estou a fazer as malas a toda a pressa, por isso vou ser breve mas *penetrante*. O Almirante Belisca-Rabos decidiu que tem de voar para parte desconhecida como parte do esforço de guerra e decidiu levar a secretária com ele se eu me portar bem. Já estou enjoada. Sem falar no Seymour, isto significa barracões Quonset em bases aéreas gélidas e piropos infantis dos nossos bravos combatentes e aquelas coisas horrorosas de papel para o enjoo no avião. A questão é que o Seymour vai casar — isso mesmo, *casar*, por isso vê se prestas atenção. Eu não posso ir. Esta viagem deve levar-me para não sei onde por seis semanas a dois meses. Conheci a rapariga. É uma nulidade, na minha opinião, mas giríssima. Na verdade não *sei* se é uma nulidade. Só sei que ela mal disse duas palavras na noite em que a conheci. Ficou ali sentada a sorrir e a fumar, por isso não é justo dizer isso. Não sei absolutamente nada do idílio propriamente dito, a não ser que aparentemente se conheceram quando o Seymour esteve destacado em Monmouth no inverno passado. A mãe dela é o fim — mete o nariz em tudo o que é arte, e vai a um bom jungiano duas vezes por semana (perguntou-me duas vezes, na noite em que a conheci, se alguma vez tinha feito psicanálise). Disse-me que só gostava que o Seymour *se desse* com mais pessoas. Do mesmo fôlego, disse que gosta muito dele, apesar de tudo, etc., etc., e que costumava ouvi-lo religiosamente todos aqueles anos em que ele esteve no programa. Não sei mais nada, a não ser que *tens* de ir ao casamento. Nunca te perdoaria se não fosses. Estou a falar a sério. A mãe e o pai não podem vir da Costa até cá. A Franny está com sarampo, para começar. A propósito, ouviste-a na semana passada? Esteve uma data de tempo a contar como é que voava por todo o apartamento quando tinha quatro anos e não havia ninguém em casa. O novo apresentador é pior do que o Grant — se isso é possível, mesmo pior do que o Sullivan dos velhos tempos. Disse-lhe que ela se calhar só tinha *sonhado* que podia voar. A miúda aguentou-se lindamente. Disse que *sabia* que conseguia voar porque, quando poisava, tinha sempre pó nos dedos por ter tocado nas lâmpadas. Estou morta por a ver. A ti, também. Seja como for, *tens* de ir ao casamento. Nem que te declarem «ausente sem licença», mas, por favor, *vai*. É às três horas, no dia 4 de junho. Tudo *muito* não sectário e Emancipado, na casa da avó dela na Rua Sessenta e Três. É um juiz